

RICHARD PAUL EVANS

O CAMINHO

Tradução de Alice Klesck



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

C A P Í T U L O

Um

Amostra



Planejamos nossas vidas em longos e ininterruptos períodos que cruzam com nossos sonhos, da mesma forma que as rodovias conectam os pontos da cidade num mapa rodoviário. Mas, no final, aprendemos que a vida é vivida nas ruas paralelas, nos becos e desvios.

✧ ✧ Diário de Alan Christoffersen ✧ ✧

Meu nome é Alan Christoffersen e esse é o segundo diário da minha caminhada. Estou escrevendo de um quarto de hospital em Spokane, Washington. Não sei como meu livro foi parar nas suas mãos, na verdade, nem sei quem você é, mas, se está lendo minha história, bem-vindo à minha jornada.

Você não sabe muito sobre mim. Sou um ex-publicitário de trinta e dois anos e há dezesseis dias eu fui embora da minha casa, em Bridle Trails, Seattle, e, quando comecei minha longa trilha, deixei tudo pra trás — o que, na verdade, não era muita coisa. Estou indo a pé até Key West, na Flórida, e isso fica a cerca de 5.630 quilômetros, podendo ultrapassar ou faltar alguns passos.

Antes que minha vida implodisse, segundo um dos meus clientes, eu era “o garoto modelo do sonho americano”, um publicitário bem-sucedido e feliz no casamento, com uma esposa deslumbrante (McKale), uma agência de publicidade próspera, uma parede repleta de prêmios e troféus e uma casa de dois milhões de dólares, com haras e dois carros de luxo na garagem.

Então o universo mudou as rotas sob os meus pés e em apenas cinco semanas eu perdi tudo. Minha derrocada começou quando McKale quebrou o pescoço num acidente equestre. Quatro semanas depois, ela morreu de complicações. Enquanto eu cuidava dela, no hospital, meus clientes foram roubados por meu sócio, Kyle Craig, e meu mundo financeiro desabou, levando à reintegração de posse da minha casa e dos meus carros.

Depois de perder minha esposa, meu negócio e minha casa, eu arrumei o que precisava para sobreviver e comecei a caminhar para Key West.

Não estou tentando estabelecer nenhum recorde, nem ir parar nos jornais. Certamente não sou o primeiro a atravessar o continente a pé; estou atrasado em pelo menos um século para isso. Na verdade, a primeira tentativa foi feita há mais de duzentos anos por um homem chamado John Ledyard, que planejou atravessar a Sibéria caminhando, pegar um barco russo de comércio de peles para cruzar o oceano até (onde agora é) o Alaska, depois caminhar o restante do trajeto até Washington, D.C., onde Thomas

Jefferson afetuosamente o receberia, no Salão Oval. Assim são os planos dos homens. Ledyard só chegou até a Sibéria, onde a imperatriz Russa, Catarina, a Grande, mandou prendê-lo e o enviou à Polônia.

Desde então, não menos que alguns milhares de pioneiros, exploradores e montanhistas atravessaram o continente sem sapatos acolchoados, estradas pavimentadas ou, incredivelmente, um único McDonald's.

Mesmo em nossos dias há uma lista considerável de gente que atravessa o país, incluindo uma mulher de oitenta e nove anos que caminhou da Califórnia até Washington, D.C., e um homem de Nova Jersey que *correu* de New Brunswick até São Francisco em exatamente sessenta dias.

Quase todos esses viajantes carregavam causas, desde reforma política até a obesidade infantil. Eu não. A única tocha que carrego é por minha esposa.

Talvez você imagine que meu ponto de destino tenha sido escolhido por seu clima agradável, as praias de areia branca ofuscante e água azul turmalina, mas você está errado: Key West era simplesmente o ponto mais distante no mapa do local onde comecei.

Devo acrescentar que Key West é minha destinação *pretendida*. Segundo minha experiência, as jornadas raramente nos levam para onde achamos que estamos indo. Conforme Steinbeck escreveu, “não fazemos uma viagem, a viagem é que nos leva”. Há uma diferença entre ler um mapa e viajar pela estrada, uma distinção tal qual a disparidade entre ler um cardápio e comer uma refeição. E assim é com a vida. Como diz o ditado, “a vida é o que nos acontece quando planejamos outra coisa”. Isso é verdade. Até meus desvios tiveram desvios.

Meu desvio mais recente me deixou na sala de emergência do Centro Médico Sacred Heart, com uma concussão e três ferimentos à faca na barriga depois de ser atacado por uma gangue, cinco quilômetros após a saída de Spokane. É onde você passa a me acompanhar.

Para aqueles que estiverem acompanhando minha caminhada desde o primeiro passo (ou antes), eu alertei que minha história não seria fácil. Suponho que isso não seja nenhuma surpresa; ninguém tem uma história fácil. Ninguém passa pela vida sem dor e disso eu estou certo. O preço da alegria é a tristeza. O preço de possuir é perder. Você pode gemer, choramingar e bancar a vítima, muitos fazem, mas é assim que as coisas são. Tive muito tempo para pensar sobre isso. Esse é um dos benefícios de caminhar.

Em meu primeiro diário também alertei que você talvez não acreditasse ou não estivesse pronto para tudo que tenho para compartilhar. Este livro não é diferente. Não importa, aceite ou descarte o que quiser acreditar.

Desde que comecei minha caminhada, só viajei 528 quilômetros, menos de dez por cento da distância até Key West. Mas já tive experiências profundas; ao longo do caminho conheci pessoas que acreditei estar predeterminado a conhecer e estou certo de que há mais por vir. Essa é uma história de contrastes, sobre viver e morrer, esperança e desespero, dor e cura, e os locais tênues entre esses extremos, onde a maioria de nós reside.

Não tenho certeza se estou me distanciando do meu passado ou seguindo rumo ao meu futuro; o tempo e os quilômetros dirão que tenho ambos de sobra. Como disse o poeta Robert Frost, eu tenho “milhas a seguir, antes de dormir”.

Fico feliz em dividir com você o que eu aprendo. Bem-vindo à minha caminhada.

Amostra

CAPÍTULO

Dois

Amostra



Que estranho passar de uma agenda de horas e minutos para ser incapaz de dizer qual é o dia do mês.

✧. Diário de Alan Christoffersen .✧

Minha segunda noite no hospital foi dura. Eu estava molhado e quente de febre e, em algum momento da noite, comecei a tossir. Cada tossida era como uma lâmina cravando em minha barriga. A enfermeira veio verificar meus curativos e me disse para não tossir, o que não ajudou muito. Apesar dos medicamentos que eles me deram para o auxílio do sono, na maior parte da noite fiquei ali deitado, sozinho e com dor. Queria McKale mais que a minha vida. Decididamente, mais que a minha vida. Claro que se ela estivesse comigo eu não estaria nessa confusão. A exaustão finalmente me venceu e adormeci por volta das cinco da manhã.

No dia seguinte, acordei com uma jovem enfermeira andando em volta da minha cama, olhando os monitores e escrevendo numa prancheta. Desde que eu tinha dado entrada no hospital, um bando de enfermeiras e médicos se aglomerava ao meu redor, em meus delírios, entrando e saindo de minha consciência como dançarinos de um vídeo musical. Mas não me lembrava de nenhum deles. Essa foi a primeira enfermeira que reconheci. Ela era pequena, miúda, mal tinha o tamanho de uma luminária de chão. Eu a observei por alguns minutos e disse:

— Bom dia.

Ela ergueu os olhos da prancheta.

— Boa tarde.

— Que horas são? — eu perguntei. É uma pergunta meio engraçada, já que eu nem sabia em que dia ou semana estava. As duas últimas semanas tinham se fundido como ovos num liquidificador.

— É quase meio-dia e meia — disse ela, e acrescentou — Sexta-feira.

Sexta-feira. Eu tinha deixado Seattle numa sexta-feira. Tinha partido há apenas quatorze dias. Dezesesseis dias e uma vida inteira.

— Qual é o seu nome?

— Eu sou a Norma — ela respondeu . — Você está com fome?

— Que tal um pãozinho com ovo? — eu disse.

Ela sorriu.

— Só se for feito de gelatina. Que tal um pouco de pudim? O de doce de leite é comível.

— Pudim de doce de leite no café da manhã?

— Almoço — corrigiu ela. — E em algumas horas vamos mandá-lo para a tomografia computadorizada.

— Quando posso remover o cateter?

— Quando puder ir sozinho ao banheiro, o que nós tentaremos depois de obter os resultados de seu exame. Você é claustrofóbico?

— Não.

— Às vezes as pessoas ficam claustrofóbicas no *scanner*. Eu posso lhe dar algo para ansiedade, para o caso de você ficar. Um Valium.

— Não preciso de nada — eu disse. Não ligava para o exame; queria tirar o cateter de mim. No torpor das últimas quarenta e oito horas eu me lembrava vagamente de arrancar o cateter e bagunçar as coisas.

Eu tinha duas boas razões para querer tirá-lo; a primeira, porque doía. Ninguém deveria enfiar algo nessa parte da anatomia masculina. Segundo, uma infecção de cateter foi o que matou a minha esposa. Quanto mais rápido aquele troço saísse de mim, melhor.

Um atendente hospitalar, um jovem de sardas e uniforme roxo, veio me buscar por volta de duas da tarde. Ele desconectou alguns fios e tubos do meu corpo, depois levou minha cama inteira pelo corredor de linóleo até a radiologia. Eu não sabia que era minha segunda visita, até que o técnico operando o equipamento disse: — Bem-vindo de volta.

— Eu estive aqui antes?

— Você estava apagado da primeira vez.



O exame foi entediante, surpreendentemente ruidoso e levou aproximadamente uma hora. Quando terminou, os atendentes me levaram de volta para o meu quarto e eu adormeci. Quando acordei, Angel estava de volta.

C A P Í T U L O

Três

Amostra



Em algum ponto entre ser esfaqueado e acordar no hospital tive uma experiência difícil de descrever. Pode chamar de sonho ou visão, mas McKale veio a mim. Ela me disse que não era minha hora de morrer, que ainda havia gente que eu estava destinado a conhecer. Quando perguntei quem, ela respondeu “Angel”.

Quem é essa mulher?

✧. Diário de Alan Christoffersen ✧.

Na primeira vez que acordei no hospital havia uma mulher estranha sentada numa cadeira ao lado da minha cama. Ela tinha aproximadamente a minha idade e estava vestida de forma casual, com uma camiseta e jeans.

Quando consegui falar, perguntei quem era ela. Ela me disse que nós tínhamos nos conhecido alguns dias antes, na saída da cidadezinha de Waterville. Seu carro estava parado na lateral da estrada, com um pneu furado.

Lembrei-me do encontro. Ela tinha tentado trocar o pneu, mas deixou cair os pinos da roda na inclinação lateral da estrada, o que a deixou presa ali. Tirei um pino de cada roda dos outros pneus e preendi o *step*.

Ela me ofereceu uma carona até Spokane, mas declinei. Antes de partir, ela me deu seu cartão de visitas, única informação de contato que a polícia encontrou comigo (pois eu tinha jogado meu celular fora no primeiro dia da caminhada). Eles ligaram pra ela e, inexplicavelmente, ela veio. Seu nome era Annie, mas me pediu para chamá-la de Angel.

— É assim que meus amigos me chamam — disse, na ocasião.

Ela estava comigo quando o médico informou que eu precisaria de várias semanas de repouso absoluto em casa.

— Eu sou sem-teto — disse.

Houve um silêncio constrangedor. Então Angel falou:

— Ele pode vir para casa comigo.

Desde então ela vinha me ver todos os dias, ficando aproximadamente uma hora, toda noite, e nossa conversa era formal como a de dois adolescentes num primeiro encontro. Não me incomodava por ela vir, estava solitário e gostava da companhia, só não sabia *por que* ela vinha.

A visita dessa noite (ela chamava de visitas angelicais) foi mais tarde que o habitual. Quando acordei, ela estava com o olhar abaixado, lendo um livro de bolso, uma história de amor Amish. Ao olhar para ela, uma música começou a tocar em minha cabeça.

I'm on top of the world looking down on creation...*

A canção, ironicamente alegre, ficava tocando, insistindo irritantemente, como um disco de vinil quebrado. A melodia era de uma música dos anos setenta, algo da minha infância. Os Carpenters. Minha mãe adorava os Carpenters. Ela falava de Richard e Karen Carpenter como se fossem nossos parentes.

Mesmo quando estava morrendo de câncer, ela colocava os discos deles para tocar. *Principalmente* quando estava morrendo. Ela dizia que a música dava ânimo. Quando criança, eu sabia a letra de todas as músicas de cor. Ainda sei. “Close to You”, “Rainy Days and Mondays”, “Hurting Each Other”. Lembro-me de tracejar a logomarca dos Carpenters em papel datilográfico, depois tentar melhorá-la, o que provavelmente foi minha primeira tentativa gráfica comercial.

CARPENTERS

Minha mãe colocava seus discos para tocar numa vitrola estéreo Zenith, embutida num console de nogueira (um aparelho elétrico do tamanho de um Plymouth, que ocupava toda a parede esquerda da nossa sala de estar) e as músicas enchiam nossa casa, o que sempre me deixava sereno, pois eu sabia que aquilo fazia minha mãe feliz.

Angel ainda estava envolvida em seu livro quando percebi o motivo para que a canção tivesse me ocorrido. Ela se *parecia* com a Karen Carpenter. Não exatamente. Ela era loura e provavelmente um pouquinho mais bonita, mas parecida o bastante para garantir uma segunda olhada. Fiquei imaginando se ela sabia cantar. Enquanto pensava nas semelhanças, Angel subitamente ergueu o olhar. Sorriu quando me viu olhando para ela.

— Oi.

Minha boca estava ressecada e eu passei a língua nos lábios antes de falar.

— Oi.

— Como está se sentindo?

— Um pouquinho melhor que ontem. Há quanto tempo está aqui?

* “Eu estou no topo do mundo olhando para a criação lá embaixo.” (N. do E.)

— Aproximadamente uma hora. — Silêncio. Então ela disse: — Você estava falando dormindo.

— Eu disse algo profundo?

— Acho que você estava chamando alguém... McKay, ou McKale?

Eu me retraí, mas não dei explicação.

— Conversei com sua enfermeira. Ela disse que se a sua tomografia for bem, você pode sair em alguns dias. Talvez até segunda-feira. — Ela curvou um pouquinho a boca. — Halloween. Que medo.

— Isso seria legal — falei.

Depois de um momento, ela disse:

— Minha oferta ainda está de pé. Você é bem-vindo para ficar comigo. Eu até já mudei algumas coisas em meu apartamento... — depois acrescentou, cautelosamente — Caso você queira.

— Isso é gentil de sua parte — disse, sem me comprometer.

Ela me olhou, apreensiva. Quase um minuto depois, perguntou:

— O que você acha?

O que eu achava? Eu tinha passado os últimos dias considerando minhas poucas opções. Depois da destruição da minha vida, a única amiga que eu tinha era a Falene, minha ex-assistente, lá em Seattle. Apesar de nossa amizade, eu não podia voltar pra lá.

Minha outra opção era meu pai, em Los Angeles. Se eu fosse para a Califórnia, sabia que nunca voltaria. E *precisava* voltar. Precisava concluir minha caminhada.

Pela primeira vez, desde que tinha deixado minha casa, percebi que minha trilha era muito mais do que apenas um compromisso físico, era um compromisso espiritual, como as caminhadas dos aborígenes australianos ou os nativos americanos. Algo que não entendia completamente me forçava a seguir adiante.

E, por qualquer que fosse a razão, essa mulher era parte da minha jornada. Havia alguma razão para que ela estivesse em meu caminho e sentada ao lado da minha cama. Só não fazia ideia de que razão poderia ser.

Depois de um momento eu disse:

— Se não for muito trabalho.

Seus lábios se abriram num leve sorriso.

— Vai ser bom. — ela assentiu.

C A P Í T U L O

Quatro

Amostra



*Às vezes a Mãe Natureza
tem tensão pré-menstrual.*

✧. Diário de Alan Christoffersen ✧.

Eu subitamente percebi a data: 28 de outubro, meu aniversário de casamento com McKale.

O dia do nosso casamento não foi um dia com o qual alguém sonha, a menos que você inclua pesadelos. Praticamente tudo deu errado, o que eu acredito que aconteça quando as mães não estão envolvidas ou a Mãe Natureza está.

Nós tínhamos planejado uma pequena cerimônia no Arcádia Arboretum and Botanic Gardens, a poucos quilômetros da nossa casa, perto da pista de corrida do Santa Anita Park. No lado leste do viveiro havia um belo roseiral com um mirante coberto de vinhas, com a parte traseira da estrutura pendendo sobre uma lagoa cheia de vitórias-régias. O cenário era perfeito. O clima, nem tanto. Começou a chover por volta das oito horas da noite anterior ao nosso casamento e não parou até duas horas antes da cerimônia. Tudo ficou encharcado. O gramado estava ensopado como uma esponja e a água escorria de suas bordas, formando córregos.

Deveríamos ter alugado uma tenda grande, para não correr riscos se o tempo fechasse, mas a organizadora de nosso casamento, Diane, prima de McKale, estava tão certa de sua sorte (nunca chove nas minhas festas, ela se gabou) que ela só tinha reservado uma pequena cobertura de 6 x 6m como garantia.

Depois que a chuva parou, Diane e suas ajudantes corriam pelo pátio, armando cadeiras, jogando pétalas de rosas, amarrando fitas e fios de luz, e providenciando grande variedade de guarda-chuvas de tecido, caso voltasse a chover.

Para enfeitar o mirante, Diane pendurou fios de luzes piscantes em duas colunas brancas de dois metros de altura, ao estilo pedestal, com grandes vasos de cerâmica no alto.

À medida que tudo foi tomando forma, os membros do quarteto de cordas assumiram seus lugares, ao lado do mirante, e começaram a tocar *Cânone em ré maior*, de Pachelbel.

Parecia que a Mãe Natureza estivera aguardando pelo momento ideal para atacar, pois quando se executavam os toques finais, e Diane estava parecendo um tanto satisfeita consigo mesma, começou a soprar um vento forte. Num grande sopro, os guarda-chuvas foram todos virados de dentro pra fora, ou saíram voando (observei um dos convidados perseguir um guarda-chuva pelo estacionamento), os vasos caíram e quebraram e as pétalas de rosas, tão delicadamente espalhadas, foram varridas.

A cena teria sido divertida, se não fosse trágica. Nossos desventurados convidados corriam pelo jardim, em estado de pânico, agarrando seus chapéus, roupas e cônjuges. Tudo virou um caos.

Assim que os acessórios da cerimônia estavam suficientemente destruídos, o vento parou, como se a Mãe Natureza estivesse tirando um momento para inspecionar seu trabalho manual. Então, a chuva caiu com força.

O pastor, reverendo Handy, amigo do pai de McKale, tinha vindo de outro casamento e ficou preso no trânsito congestionado pelo clima, chegando à cena apenas quinze minutos antes do horário marcado. Eu vi sua expressão perplexa, ao verificar as ruínas do nosso dia. O cenário parecia um clipe daquelas entrevistas transmitidas de um parque de *trailers* após a passagem de um tornado: uma devastação profunda e completa.

Ao meio-dia assumi meu lugar embaixo do mirante ensopado e fiquei esperando minha noiva, de pé, diante do pequeno aglomerado de sobreviventes congregados embaixo de um mar de guarda-chuvas.

Então surgiu ela, com o pai ao lado, e a exaltada Diane no outro, molhada e carregando um guarda-chuva. McKale era o meu sol, radiante, num vestido marfim tomara que caia. Conforme ela se aproximou, nós nos olhamos e todo o caos se dissolveu. Coloquei a aliança em seu dedo, torcendo para que ela não visse aquele massacre como um agouro para o nosso casamento.

Depois que fomos pronunciados marido e mulher, a maioria dos nossos convidados tinha partido, enquanto os que permaneciam se aglomeravam embaixo da abóboda cheia de goteiras, esperando que o bolo fosse cortado.

McKale esteve quieta, enquanto seguíamos de carro rumo à nossa lua de mel, e o ritmo dos limpadores de para-brisa preenchiam o vácuo de nosso silêncio. Quando estávamos sozinhos em nosso quarto de hotel, eu disse:

— Lamento pela forma como as coisas se desenrolaram.

Esperava que ela fosse subitamente cair em prantos, mas não o fez. Em vez disso, olhou para o seu anel de diamante, depois pegou minha mão, com seus dedos finos acarinhando minha aliança.

— Eu teria me casado com você com um anel de plástico, em pé, num aterro de lixo, no meio de um furacão. O espetáculo era pra eles. Eu só queria você. Esse é o melhor dia da minha vida.

Foi quando eu tive certeza que nós duraríamos para sempre.



Angel estava ao meu lado quando percebi que a aliança de McKale tinha sumido. Apalpei meu peito freneticamente. Deve ter parecido que eu estava tendo um ataque do coração ou um derrame, porque Angel pareceu alarmada.

— O que foi? — perguntou. — Devo chamar uma enfermeira?

— Eles levaram — eu disse.

— Levaram o quê?

— O anel de casamento da minha esposa. Estava num cordão, no meu pescoço.

Ela parecia quase tão angustiada quanto eu.

— Vou ver se as enfermeiras sabem de alguma coisa. — Ela apertou o botão de chamado e dentro de alguns instantes uma enfermeira que eu nunca tinha visto apareceu na porta.

— Precisa de alguma coisa?

Angel disse:

— O Alan está dando falta de uma joia.

— Bem, nós geralmente removemos as joias na sala de emergência.

— Ela se virou para mim. — O que procura?

— É uma aliança de brilhante feminina numa corrente de ouro — respondi.

— Provavelmente está em seu armário. Posso checar pra você.

Deitei a cabeça de volta no travesseiro.

— Qual é o seu nome? — perguntei.

— Alice.

— Alice — eu disse —, você sabe onde está o restante das minhas coisas? Eu estava carregando uma mochila quando fui atacado.

— Não. Mas posso perguntar à polícia. Eles estão logo no fim do corredor.

— Por que estão no fim do corredor?

— Estão de guarda por causa de um dos homens que o atacou.

Eu tinha me esquecido. Meu médico me disse que um dos jovens que tinha me atacado também estava no hospital; não que eu pretendesse enviar um cartão desejando melhoras, mas foi bom saber da informação.

Alice continuou:

— A polícia pediu para vê-lo, quando estiver apto a isso.

— Estou apto — respondi rapidamente. Queria falar com o policial pelos meus próprios motivos, tinha perguntas sobre aquela noite.

Menos de cinco minutos depois que ela saiu, dois policiais uniformizados entraram em meu quarto, parando do lado de dentro da porta. O que estava mais perto de mim, um homem baixo e magro, falou:

— Sr. Christoffersen, sou o Oficial Eskelson. Esse é meu parceiro, o Tenente Foulger. Podemos entrar?

Eu olhei para o outro policial, logo atrás dele.

— Sim.

Eskelson se virou para Angel.

— Essa é sua esposa?

— Não — disse ela. — Sou só uma amiga.

— Importa-se se ela ficar para nossa entrevista?

— Eu posso sair — disse Angel.

— Ela pode ficar — falei.

Angel continuou sentada. O Oficial Eskelson caminhou até a lateral da minha cama.

— Como está se sentindo?

— Fora a concussão e os três ferimentos à faca? — perguntei.

— Lamento, serei breve. — Ele ergueu um bloco e uma caneta. — Eu gostaria que descrevesse, em suas próprias palavras, a noite do assalto.

Nunca tive certeza do motivo por que as pessoas dizem “em suas próprias palavras”. Palavras de quem mais eu poderia usar?

— Era cerca de meia-noite quando parei no Hilton, em Air-way Heights, à procura de um quarto, mas eles não tinham vaga, então tive que seguir para Spokane. Tinha andado cerca de um quilômetro e meio quando ouvi um som de rap e um carro encostou ao meu lado, um Impala amarelo, com uma faixa preta. Havia uns garotos de aparência rude dentro do carro. Imaginei

que fossem membros de uma gangue. Eles começaram a gritar coisas para mim. Eu apenas ignorei, mas eles pararam no acostamento da estrada e saíram do carro.

— Acha que reconheceria esses jovens?

— Quer dizer, como numa formação policial, lado a lado?

Ele assentiu.

— Não sei. Alguns. Achei que estivessem detidos.

— Estão — disse Foulger.

Eskelson disse:

— Então, depois que eles encostaram o carro, o que aconteceu?

— Mandaram que eu entregasse minha mochila. Tentei dissuadi-los. Foi quando o pequenininho que me esfaqueou disse que eles levariam, depois de me dar uma surra.

— Foi isso que ele disse, *lhe dar uma surra*?

— Acho que suas palavras exatas foram *te arrebentar*. Ele disse que eles estavam procurando *um babaca pra atropelar*.

Ele escreveu em seu bloco.

— Depois o que aconteceu?

— Ele veio pra cima de mim.

— O garoto que o esfaqueou?

Eu assenti.

— Bati nele e ele caiu. Então, um dos outros caras me atingiu na cabeça com alguma coisa. Deu a sensação de ter sido um cano ou um porrete.

— Foi um taco de basebol — disse o tenente Foulger, limpando a garganta. — Louisville Slugger.

— Ele praticamente me nocauteou. Vi estrelas mas, de alguma forma, continuei de pé. Então foi uma loucura. Todos eles vieram pra cima de mim, de uma só vez. Alguém me jogou no chão e todos me chutavam. O grandão ficava pisando na minha cabeça. Depois, tudo parou. Olhei pra cima e o pequenininho puxou uma faca e me perguntou se eu queria morrer.

Eskelson pegou seu celular e me mostrou a foto de um jovem. A foto tinha sido tirada no hospital.

— Esse cara?

Precisei examinar a imagem atentamente. O jovem da foto parecia bem diferente do bandido presunçoso empunhando uma faca que eu tinha

encontrado. Metade de seu rosto estava coberto de gaze e um tubo de oxigênio saía de seu nariz. Ele parecia pequeno e frágil.

— Parece ele.

Ele escreveu em seu bloco.

— Quais foram suas exatas palavras? *Você quer morrer?*

— Estou bem certo disso.

Mais anotações.

— E depois?

— Eu não me lembro de ter sido esfaqueado. Alguém me chutou no rosto. Depois só lembro quando os paramédicos me colocaram numa maca.

— Passei a mão nos cabelos. — Então, me diga, por que ainda estou vivo?

— Sorte — disse Eskelson, baixando o bloco de anotações —, ou Deus não quis você morto. Enquanto você estava sendo atacado, uma caminhonete que passava viu o que estava acontecendo. Para sua sorte, os ocupantes da caminhonete tiveram o ímpeto e a coragem de se envolverem.

— E armas — acrescentou Foulger.

— Os homens tinham ido caçar patos — disse Eskelson. — Eles buzinaram, depois atravessaram o canteiro central direto até a cena do crime.

Foulger interferiu.

— Ao descerem da caminhonete, Marcus Franck, o garoto com a faca, foi pra cima de um dos homens, que atirou nele.

— Como ele está? — eu perguntei. — O garoto.

— Nada bem — disse o Oficial Foulger, apertando os lábios. — Um tiro de espingarda a uma distância tão curta... Ele está em frangalhos. Provavelmente não vai viver.

— A enfermeira disse que vocês estão de guarda.

— Ele não vai a lugar algum — disse Foulger. — Estamos mais preocupados quanto a quem pode vir visitá-lo.

O oficial Eskelson continuou:

— Os caçadores mandaram que o restante da gangue deitasse no chão e ligaram para a polícia. Você estava sangrando muito. Um dos caçadores prestou os primeiros socorros, até que os paramédicos chegassem. Eles salvaram a sua vida.

— Como se chamam? — eu perguntei.

— Como há risco de fatalidade, os nomes são confidenciais. Mas posso dizer que você quer falar com eles. Venho os mantendo informados sobre seu estado e o do garoto.

— Compreendo.

— O médico nos disse que você ficará aqui mais alguns dias. Depois disso, onde podemos entrar em contato com você? — perguntou Eskelson.

— Na minha casa — disse Angel. — Ele vai ficar comigo, até que esteja recuperado. — e deu seu número de telefone.

Eskelson disse a Angel:

— Você me parece familiar.

— Sou escritã da Delegacia de Polícia de Spokane.

— Achei que a conhecesse — disse Foulger.

— A enfermeira disse que vocês talvez soubessem onde estava minha mochila — eu disse.

— Está na delegacia. Podemos trazê-la esta noite.

— Obrigado. Vocês me avisam sobre o estado do garoto?

— Sem problema. Pelo menos um de nós ficará aqui, por um ou dois dias. Se você precisar de alguma coisa, ou se lembrar de algo relevante sobre o ataque, apenas chame.

— Melhoras — disse Foulger.

— Obrigado.

Depois que eles saíram, Angel caminhou até a cama, pousando as mãos na grade lateral.

— Você está bem?

— Sim. Então, você é da polícia?

— Na verdade, não. Sou despachante.

— Estava de plantão, quando eu fui atacado?

— Não. Foi alguém do turno da noite. — Ela afagou meu braço. — É melhor eu ir. Está tarde. Mas amanhã é sábado, então volto de manhã. — foi se afastando, depois parou e virou de volta. — Eu não sabia da história toda. Sabe, é um milagre que você ainda esteja vivo.

Eu cuidadosamente passei a mão no abdome.

— Imagino que sim.

— Isso faz pensar — disse ela, reflexiva. — Boa noite. — E caminhou pra fora da sala.